

PERSPECTIVAS PARA UMA ATUAÇÃO EMANCIPATÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA EM CRECHES

Luciana Mara Espíndola Santos

Prefeitura Municipal de Florianópolis/Secretaria de Educação/Creche Joaquina Maria Peres
 luciana_espin@hotmail.com

Palavras-Chave: Educação Física, Crianças, Creches.

INTRODUÇÃO

Ter aulas de educação física na Educação Infantil ainda hoje é privilégio de poucas crianças. É limitado o número de instituições que possuem em seu currículo aulas de educação física. No entanto, pesquisas têm ressaltado a importância de incluir essa disciplina no currículo da Educação Infantil, é claro, desde que seja respeitada sua especificidade relativa à idade das crianças de 0 a 6 anos, bem como estar atrelada as Diretrizes Curriculares e ao PPP (Projeto Político-Pedagógico) de cada unidade educativa.

Contudo, em muitas creches que possuem a educação física, observa-se com frequência que as aulas pouco respeitam o brincar e “se movimentar” da criança como forma principal de dialogar consigo, com o outro e com o mundo. O que se evidencia são aulas muito semelhantes às ministradas no Ensino Fundamental, que tem no esporte a base de seu trabalho. Certamente, um dos motivos que contribuem para esse fato está relacionado à formação dos professores de Educação Física, que carece de maiores estudos e até mesmo de disciplinas que abordem a especificidade da Educação Física na Educação Infantil buscando não só elementos que mostrem a descontextualização dessas aulas, mas, sobretudo, novas formas de pensar a prática nesse cotidiano tão específico, uma profunda pesquisa teórica foi realizada sobre o assunto, com o intuito de contribuir para o fazer pedagógico dos professores de educação física que atuam nas creches.

METODOLOGIA

A orientação metodológica deste estudo o caracteriza como uma pesquisa teórica, porém, é uma pesquisa teórica que não esquece e não desconsidera em momento algum o contexto do mundo da vida, do mundo real onde crianças, em especial, se situam histórica e culturalmente sempre envolvidas numa teia complexa de relações e desenvolvimentos. Contudo, pelo próprio contexto de trabalho no qual o pesquisador se encontrava no momento da pesquisa, não dialogar com a prática seria quase impossível, e isso fez com que a pesquisa não fosse “puramente” teórica, uma vez que dialoga constantemente com a prática, fazendo jus ao que tanto defende nesse trabalho, o movimento como ponto central do estudo e de uma educação física consciente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pioneira no estudo envolvendo a educação física na Educação Infantil, Deborah Sayão preocupou-se com o ensino da educação física na Educação Infantil de forma integrada à proposta da instituição e visando a um trabalho conjunto não só com o professor de turma, mas com as crianças, consideradas os sujeitos mais interessados na construção desse processo educativo.

A autora realizou uma pesquisa de mestrado com o objetivo de compreender melhor a inserção da educação física na Educação Infantil, mas especificamente nas

turmas de Pré-Escola. Sua tese é uma das mais importantes obras da Educação Física na área da Educação Infantil e motivou muitas pesquisas, inclusive despertando interesse de professores que acreditavam ter “vocação/capacidade” para atuar no Ensino Fundamental. Apesar de isso não ser o maior foco de pesquisa de Sayão, é exposta em seu trabalho claramente a falta de preparo dos professores de educação física para atuar na Educação Infantil. O que ainda acontece muito nas creches são as aulas pautadas no modelo escolar, com horários predeterminados e objetivos bem traçados que mascaram uma esportivização precoce ou um diagnóstico precoce, ou ainda mais, um preparo para as próximas etapas do ensino, igualmente precoce. As ações curriculares na Educação Infantil seguiam os moldes da escola.

Fica claro o despreparo do professor de educação física que atua na Educação Infantil, porque, além de não ter na sua formação acadêmica uma preparação/estudo para trabalhar com as crianças de 0 a 6 anos, também não recebe capacitação suficiente que lhe dê possibilidades de usar o que aprende na academia para o trabalho com Educação Física nas escolas em todos os níveis, uma vez que os currículos universitários ainda estão fortemente amarrados à esportivização e à psicomotricidade, um tanto descontextualizadas das condições educacionais.

Atualmente, as aulas de educação física nas creches ainda são permeadas por dúvidas e anseios dos próprios profissionais, reflexo tanto de questões históricas quanto da própria falta de pesquisa a esse respeito, porém, Kunz tem contribuído com importantes estudos, importados de teóricos alemães e holandeses. A teoria do “se movimentar” tem sido a grande esperança para muitos profissionais e estudiosos da educação física, principalmente por entender o movimento como uma forma de diálogo que o ser humano estabelece consigo, com o outro e com o mundo e, assim, o “se movimentar” se manifesta nas condutas das pessoas através dos jogos, das atividades sociais, nas discussões e até mesmo no próprio pensar.

Nas crianças, o “se movimentar” se manifesta de forma mais expressiva quando ela brinca, e esse vem sendo o objeto de estudos de pesquisas que tem contribuído muito com um novo entender a educação física para crianças pequenas. Nesse sentido, de acordo com Kunz, fica clara a ênfase dada ao movimento, ao gesto, à habilidade quando no sentido comparativo. As aulas devem, sobretudo, destacar o ser humano que se movimenta, este sim é o próprio movimento, é a razão do ato. Os esforços devem ser canalizados para a compreensão do homem, a criança que “se movimenta”, é ele(a) que se comunica com o mundo, que pode transformá-lo e transcendê-lo.

A educação física, seja nas creches ou nas escolas, deve, por meio do movimento, permitir, a partir dessa ótica do “Se movimentar”, que as aulas se configurem em espaços

para novas vivências e experiências,¹ permitindo que o autoconhecimento seja objetivo principal e real, que as crianças possam se descobrir e descobrir o outro, numa relação dialógica. O autor destaca alguns pontos importantes e que devem estar presentes numa aula de educação física que tenha como propósito o conhecimento de si.

“a) a qualidade dos movimentos a serem executados, ou seja, precisão, elasticidade, harmonia, fluência e ritmo, deve ser priorizada; b) promover um efeito emocional por meio dos movimentos é mais importante que a produção objetiva de destrezas técnicas; c) promover o sentimento do “Consegui!” é melhor do que constantes correções no fazer das atividades de movimento, esporte e jogos; d) desenvolver atividades que sirvam de estímulo a um autoconhecimento sobre o funcionamento corporal, ou da vida, como prestar atenção aos batimentos cardíacos ou na respiração durante as corridas; e) desenvolver atividades e vivências com elementos da natureza, como árvores, floresta, água, morro, terra, etc.: f) promover atividades que envolvam velocidade, ritmo, elasticidades, domínio de instrumentos ou arranjos materiais, etc., sem que haja constantes comparações de desempenho; g) desenvolver com os alunos(as) a capacidade de linguagem e desenho como modo de expressão de sua participação, envolvimento e sentimento nas atividades; h) por último, promover, sempre que possível, a problematização das atividades. Contudo, uma problematização que permita: liberdade de agir e descobrir formas de movimento individualmente significativas; conhecer e interpretar o contexto objetivo em que se realizam as atividades, bem como a si próprio e os outros envolvidos nas atividades; participar das decisões e soluções das atividades sugeridas e apresentadas; por fim, desenvolver a capacidade de autonomia ou emancipação pelas atividades, aceitando sempre diferentes soluções para cada atividade sugerida” (KUNZ, 2002, p. 34).

Embora esses elementos destacados por Kunz possam parecer adequados somente ao ensino para crianças maiores, especialmente as que se encontram a partir da 5ª série do Ensino Fundamental (e realmente a princípio esta é a intenção do autor), o entendimento do “Se movimentar” proposto pelos teóricos do movimento humano, os holandeses Buytendijk, Gordjin e Tamboer e do alemão Trebels, permite que enxerguemos nesses direcionamentos propostos pelo autor referenciais para nossas aulas com crianças também na Educação Infantil.

CONCLUSÃO

Pensar uma prática sem fazer do esporte a base do trabalho é entender a especificidade da criança e respeitá-la. A criança precisa de liberdade de movimentos, de ideias, de algo que a instigue, e não de imitação de gestos e movimentos, como acontece na

maioria das aulas de educação física no Ensino Fundamental. Partindo dos estudos propostos por Kunz, que se opõe veementemente ao esporte precoce, fica evidente a importância de se repensar as práticas relacionadas à educação física na Educação Infantil. Entretanto, essa área carece de mais pesquisas e estudos que pensem o fazer da educação física na Educação Infantil de modo comprometido e tendo como base o sujeito que se movimenta, ou seja, a própria criança. Esse seria o ponto-chave para que pudesse haver uma mudança no currículo dos cursos de licenciatura, passo fundamental para a formação de professores com maior comprometimento, buscando um desenvolvimento mais humano e voltado para a emancipação das crianças. Acatar o brincar da criança, e entendê-lo como a forma mais verdadeira que a criança tem de se manifestar, se expressar e assim estabelecer relações consigo, com os outros e com o mundo é essencial para a formação de cidadãos mais críticos, autônomos e transformadores [5].

REFERÊNCIAS

KUNZ, E. Práticas Didáticas para um “Conhecimento de Si” de crianças e jovens na Educação Física. In: KUNZ, E. (org.). **Didática da Educação Física** 2. Ijuí, Unijuí, 2002.

SANTOS, L.M.E. **Educação Física: perspectivas teórico-metodológicas para a educação emancipatória na primeira infância**. 2008. 106f. (Dissertação) – Mestrado em Educação Física, Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

SAYÃO, D. T. **Educação Física na pré-escola: da especialização disciplinar a possibilidade de trabalho pedagógico integrado**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

¹ Sobre vivências e experiência Kunz explica que: [...] a vida se refere mais as funções biológicas do ser humano, a vivência corresponde às elaborações e expressões emocionais, e as experiências seriam os processamentos que ocorrem na consciência humana, nas diferentes formas e níveis de manifestação dessa consciência. Portanto, na história de vida de cada ser humano acontece inter-relacionamento em todas as situações e em diferentes planos e níveis de ocorrência ou, como confirma Zur Lippe, da vida para as vivências e das vivências para as experiências.